

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

26

ABRIL / JUNHO
DE 1982

BOLETIM DA PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034-22172

Condições de assinatura anual:

Via Normal

Via Aérea:

Continente, Ilhas e Espanha	200\$00	Estrangeiro	350\$00
Outros países 300\$00	Número avulso	50\$00

26

ABRIL/JUNHO de 1982

ANO VII

Apresentação

A Festa da Páscoa — *Luis Ribeiro*

Eucaristia Hoje — *Mons. Roberto Coffy*

Congresso Internacional de Liturgia — *A Ramos e L. Ribeiro*

VII Encontro Europeu dos Secretários Nacionais de Liturgia

Ao Serviço do Culto Divino — *Mons. Virgílio Noé*

Encontros Diocesanos

Pelo Secretariado Nacional de Liturgia

VIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

Composto e impresso na TIPAVE - AVEIRO — 1 000 ex.

Os leitores do Boletim não ficaram insensíveis ao nosso esforço para recuperar o atraso quase crónico a que os vínhamos habituando. Procurando corresponder ao seu apoio, tudo faremos para manter o novo ritmo, sem descurar, no entanto, a qualidade do conteúdo que pretendemos seja cada vez mais rico e actual.

Começamos, neste número, com um artigo de Luís Ribeiro dedicado à Páscoa. A celebração da Páscoa, efectivamente, não se limita ao tempo do Tríduo Sacro — embora atinja aí o seu ponto máximo; nem aos cinquenta dias do Tempo Pascal — uma semana de sete semanas; mas renova-se, de certo modo, todos os domingos, que são celebrações semanais da Páscoa. Por isso, este tema nunca deixa de ser oportuno e se, como na catequese mistagógica, vier a permitir uma revisão adequada e serena da celebração da Páscoa que passou mas não se extinguiu, então estamos seguros de que terá alcançado todos os seus objectivos.

Mons. Roberto Coffy, além da sua reconhecida autoridade pessoal, tem desempenhado no episcopado francês cargos da maior responsabilidade. Trazê-lo aos nossos leitores é, pois, uma distinção merecida. Mas acresce, neste caso, que as suas observações pastorais sobre o papel do gesto e da palavra na celebração, sobre a assistência e a assembleia, sobre a comunhão ausente ou generalizada, sobre as grandes assembleias e os pequenos grupos, sobre a presença real de Cristo e a vida cristã, sobre a Eucaristia nas exéquias e nos casamentos, e ainda sobre as assembleias dominicais sem padre, são de grande oportunidade e podem levar a uma celebração da Eucaristia, sobretudo dominical, a um tempo mais interiorizada e comprometedora.

As notícias deste número são extensas e diversificadas, incluindo designadamente uma breve crónica do Congresso Internacional de Liturgia e do Encontro Europeu dos Secretários nacionais de Liturgia, efectuados em Roma no passado mês de Maio. O nosso Boletim esteve presente e participante na pessoa do seu director e de alguns dos seus colaboradores. As suas notas são, por isso, objectivas e personalizadas.

A pequena mas significativa homenagem prestada a Mons. Virgílio Noé torna-se mais que justificada, tanto pela personalidade do homenageado, como pela sua missão na Secção do Culto Divino da Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino. As palavras que citamos da homilia do Papa João Paulo II na ordenação episcopal de Mons. Virgílio Noé revestem-se de indiscutível autoridade e traduzem admiravelmente os sentimentos que nos animam.

A referência aos encontros diocesanos de Pastoral Litúrgica abrange naturalmente os três primeiros que se realizaram este ano e manifesta o grande apreço que lhes dedicamos. Esperamos continuar atentos, no Boletim, a estas iniciativas que, sendo de base diocesana, contam sempre com o estímulo e a colaboração do Secretariado Nacional de Liturgia (SNL).

Outras actividades, entre as quais a preparação do VIII Encontro nacional, têm aqui a sua expressão, já que os nossos leitores têm direito a conhecê-las, e o Boletim o dever de as divulgar.

A FESTA DA PÁSCOA

Para o cristão, a celebração da Páscoa não é uma simples festa de aniversário ou uma festa comemorativa de um acontecimento passado e exterior. Celebrar a Páscoa é celebrar um acontecimento que, sendo passado, nos diz respeito a nós e ao nosso tempo. Na liturgia actualiza-se para nós, sacramentalmente, o acontecimento da salvação que se deu uma vez por todas: «Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação» (Rom 4, 25). Esta experiência litúrgica, ainda que transitória e simbólica, é uma real participação na Páscoa de Cristo, pois, como diz a própria liturgia, «todas as vezes que celebramos o memorial deste sacrifício, realiza-se a obra da nossa redenção» (1).

Assim, por tradição apostólica que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias no dia a que chamou Domingo, como o celebra também uma vez por ano na Páscoa, a maior das solenidades (Cf. SC 102 e 106).

O Tempo Pascal

A festa anual da Páscoa, que se celebra de modo especial no decorrer do Tríduo sagrado, atinge o seu ponto culminante na celebração da Vigília pascal e prolonga-se por todo o Tempo Pascal. Este período de cinquenta dias, desde o Domingo da Ressurreição até ao Domingo do Pentecostes, exprime a plenitude da salvação definitivamente alcançada pelo Senhor ressuscitado e por Ele oferecida a todos os homens. Por isso a Igreja, repetindo de um modo sempre novo os temas da noite pascal, celebra este tempo como se fosse um único dia de festa, como um grande domingo, figura da festa contínua, da felicidade eterna (*Cal. Rom. 22*).

A reforma litúrgica do Vaticano II veio restaurar a cinquentena na sua unidade. A Páscoa, a Ascensão e o Pentecostes não constituem festas isoladas ou autónomas; são antes momentos significativos de um período que, na sua totalidade, constitui uma única festa. Esta cons-

ciência de unidade é ainda sublinhada pelo facto de os domingos que ocorrem durante o tempo pascal já não serem chamados «domingos depois da Páscoa» mas «domingos de Páscoa».

O Domingo de Páscoa da Ressurreição

Entre os domingos de Páscoa, sobressai o Domingo da Ressurreição. É o Domingo por excelência, o «Dia que o Senhor fez», dia da criação e da nova criação, dia da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição. É essencialmente um dia de alegria e de acção de graças:

— acção de graças pelo mistério pascal de Cristo em toda a sua amplitude, e não somente pela ressurreição;

— acção de graças pelo mistério de Cristo em nós, pelos sacramentos pascais e pela vida nova que neles recebemos.

a) *Laudes*

A hora pascal por excelência é a hora de Laudes, ao romper do sol. Logo de manhãzinha a alegria irrompe nos lábios dos cristãos. No Oriente, ao encontrarem-se pela manhã, os cristãos dão-se o beijo da Páscoa, dizendo: «Cristo ressuscitou». No Ocidente, é o Invitatório do Ofício que convida à alegria e ao louvor, dizendo: «O Senhor ressuscitou verdadeiramente, aleluia» (*).

Mas não é só o Invitatório a dar a tonalidade do dia. Também os restantes elementos, em especial o hino e as antífonas, cantam a ressurreição de Cristo, o Sol da Páscoa gloriosa que ilumina o seu povo. Em vez do Responsório Breve, canta-se um versículo do salmo 117: «Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e cantemos de alegria. Aleluia». É o pregão que nessoará até ao anoitecer deste dia e por toda a Oitava, como que a prolongar a festa e a ritmar todas as celebrações.

b) *A Missa do Dia*

O centro da liturgia do Domingo da Ressurreição é, no entanto, a missa solene deste dia.

A grande notícia da Ressurreição é proclamada de novo, agora no cântico de entrada: «Ressuscitei, e eis-me para sempre contigo...». A ressurreição de Cristo e a sua presença contínua à Igreja são o fundamento desta celebração e de todas as celebrações cristãs. Mas hoje de modo especial, ao celebrarmos a solenidade da ressurreição do Senhor e a sua vitória sobre a morte, pedimos ao Pai que nos ressuscite também para uma vida nova pela graça renovadora do Espírito (colecta).

A primeira leitura apresenta-nos o discurso de Pedro em Cesaréia, em casa do centurião Cornélio. O testemunho de Pedro, comovido pela conversão de Cornélio, resume toda a missão da Igreja e o objecto essencial da fé que salva: Deus ressuscitou Jesus ao terceiro dia e concedeu-lhe que se manifestasse às testemunhas previamente designadas

por Ele: «a nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ressuscitar dos mortos» (Act 10, 41). A missão dos Apóstolos e de toda a Igreja consiste em dar testemunho desta ressurreição e em proclamá-la como objecto de uma fé que salva perdoadando os pecados.

A segunda leitura lembra-nos que a ressurreição de Cristo não é apenas um acontecimento histórico, mas um processo pessoal cuja realidade e exigências se manifestam no dia a dia: «Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo se encontra». A Páscoa é a festa em que o cristão procura as realidades do alto pondo a sua vida em Cristo ressuscitado.

Em vez de *Col* 3, 1-4, pode ler-se *1 Cor* 5, 6-8. Também esta leitura nos recorda que a Páscoa não é uma solenidade de carácter externo. Por isso só há uma maneira de a celebrar: purificando-nos do velho fermento para sermos uma nova massa; deixando a malícia e a perversidade e celebrando-a com os ázimos da pureza e da verdade. Cristo, o nosso cordeiro pascal, é o motivo da nossa purificação: é por Ele que nos tornamos homens novos.

O canto do Aleluia com o seu versículo e a antífona da comunhão voltarão a propor-nos a mensagem fundamental desta leitura e deste dia: «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado: celebremos a Páscoa com os ázimos da sinceridade e da verdade». Entretanto, a sequência resume poeticamente o significado do dia da festa.

A descoberta do túmulo vazio e a experiência da ressurreição dão-se no primeiro dia da semana. São João apresenta, como primeiras testemunhas, Maria Madalena, Pedro e o «discípulo que Jesus amava», o que nos conta a experiência pessoal bem precisa: «Viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos» (Evangelho). Oito dias depois, de novo no primeiro dia da semana, Jesus volta a apresentar-se no meio dos seus discípulos reunidos, mostrando-lhes os sinais da sua Paixão e comunicando-lhes o dom pascal do Espírito para a remissão dos pecados. A partir desta experiência e lembrados da palavra de Cristo: «Fazei isto em minha memória», em breve os discípulos reconheceram neste dia «o Dia do Senhor». É o dia em que a comunidade dos crentes se reúne à volta de Cristo ressuscitado, misteriosamente presente nos sinais da assembleia, da Palavra e da Eucaristia. É o primeiro dia e o dia oitavo, o dia da nova criação e da vitória sobre a morte, o dia em que já se faz presente a realidade futura do Reino de Deus.

O Evangelho da missa da tarde recorda-nos que a ressurreição e a fé em Jesus se reconhecem, a partir de agora, na «fracção do pão». Através dela, podemos participar na própria experiência dos apóstolos: ouvimos nas Escrituras tudo quanto a Ele se refere, e participamos do mesmo Pão, dando graças a Deus que, «pela ressurreição de Jesus Cristo nos regenerou para uma esperança viva» (1 Pe 1, 3).

Se em todo o tempo e lugar é nosso dever e salvação dar graças, «com maior solenidade neste dia em que Cristo, nossa Páscoa, foi imolado» pois que «morrendo, destruiu a morte e, ressuscitando, restaurou a vida» (Prefácio). É este o dia por nós tão esperado e que traz a salva-

ção a todos os homens (oração dos fiéis). São estes os mistérios pascaís em que a Igreja se alimenta e se renova para alcançar a glória da ressurreição (oração sobre as oblatas e depois da comunhão).

Se tal é a solenidade deste dia, há que deplorar os cristãos que se sentem dispensados de participar na missa comunitária do Domingo por já terem participado na missa da Vigília. Celebrar uma vez mais a Páscoa em nada diminui a celebração da Vigília.

Pelo menos nas cidades episcopais, poderiam reunir-se os cristãos da cidade à volta do bispo na missa pontifical. Seria uma boa ocasião de suscitar nos fiéis a consciência da Igreja como comunidade pascal fundada na fé apostólica. A própria celebração ganharia em qualidade e os cânticos em beleza e amplitude.

c) *As Vésperas*

Outra ocasião de acção de graças são as vésperas festivas de Páscoa ⁽³⁾.

Já por volta do século VII, a Igreja romana terminava o domingo de Páscoa com o glorioso ofício de vésperas de Latrão, herdado provavelmente da liturgia de Jerusalém. Os neófitos eram convocados com todo o povo na grande basílica. Daí, depois do canto dos três primeiros salmos com aleluia, ia-se processionalmente, cantando o Salmo 112, ao baptistério, onde os neófitos haviam sido baptizados na noite anterior; cantava-se aí o Salmo 113, o salmo da primeira páscoa, e o Magnificat; depois, ao canto da antífona *Vidi aquam*, ia-se à Santa Cruz, onde os neo-baptizados haviam sido confirmados. Embora o rito fosse estabelecido em função da topografia de Latrão, era tão evocador que se estendeu por todos os países transalpinos, nos quais se manteve mesmo depois de Roma o ter abandonado ⁽⁴⁾.

A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, ao referir-se à celebração do Tríduo pascal, diz que as Vésperas do Domingo da Ressurreição devem ser celebradas «em forma solene, para festejar a tande deste dia sagrado e comemorar as aparições do Senhor aos seus discípulos». E diz ainda: «onde existir, conserve-se religiosamente o costume tradicional de celebrar, no dia de Páscoa, as Vésperas baptismas, com a procissão ao baptistério acompanhada do canto dos salmos» (n. 213).

Não seria mesmo de fazer reviver em todas as comunidades cristãs as vésperas da Páscoa, com a possível procissão à fonte baptismal e uma estação junto à cruz? Poderá dizer-se que isso já foi feito durante o Tríduo, com a adoração da cruz em Sexta Feira Santa e a celebração baptismal na Vigília. É verdade, mas o reconhecimento e a acção de graças não têm limites. Apesar das dificuldades de vária ordem, entre as quais a grande mobilidade das pessoas nestes dias, pensamos que as vésperas solenes, com a procissão à fonte baptismal, o incenso, a cruz, o círio pascal, poderiam ser uma verdadeira descoberta para o povo cristão. Não seria possível iniciar os fiéis na celebração das vésperas dominicais a começar pelas vésperas do Domingo de Páscoa e dos restantes domingos do Tempo pascal? Agora que é possível uma maior

participação dos fiéis no canto dos salmos, em língua vulgar e com melodias mais adaptadas, é necessário ajudá-los também a descobrir o seu significado e a sua beleza.

A partir destes ritos fundamentais da liturgia, floresceram, ao longo dos tempos, muitos outros ritos secundários: bênção do leite e do mel, do pão, dos bolos e ovos de Páscoa, dos círios e condeirinhos de cera, visita pascal e bênção das casas.

Na Idade Média, num tempo em que a Vigília era antecipada para a tarde de sábado, as matinas de Páscoa eram muito populares. A elas se incorporavam os dramas litúrgicos que colocavam em cena a visita das santas mulheres ao sepulcro ⁽⁵⁾. Mais tarde, à representação dos clérigos sucedeu uma procissão do Santíssimo Sacramento que tinha como fim transformar a sagrada reserva do «sepulcro» para o sacrário da Igreja ⁽⁶⁾.

Mas o acontecimento religioso do dia de Páscoa de maior tradição popular entre nós, nomeadamente no norte de Portugal, é o Compasso ou Visita Pascal ⁽⁷⁾. Entretanto, pelos problemas pastorais que por vezes lhe andam ligados ou pela escassez de sacerdotes, algumas paróquias procuram hoje promover outras formas de irradiação pascal: encontros ou reuniões de convívio, reflexão e celebração sobre um tema mais ou menos pascal, «dias da comunidade» ou «festas pascais».

Quanto à valoração destas várias manifestações festivas, mesmo profanas, pensamos que, em princípio, onde a relação com a Páscoa é perceptível ou estabelecida, têm uma grande importância pastoral pois manifestam a fé do povo cristão na graça renovadora que brota da solenidade pascal. Mas quando, por diversos motivos, se tornam impraticáveis ou se fazem em detrimento da fé e da liturgia, então é preferível voltar à fonte que lhes deu origem, à própria celebração litúrgica.

A Oitava da Páscoa

A primeira semana do Tempo Pascal ultrapassa as demais em solenidade. É a *oitava* por excelência. Os dias desta semana são como que o prolongamento do *dia oitavo*, dia da nova criação, da nova vida, da inauguração do Reino.

A liturgia da oitava da Páscoa celebra, ao mesmo tempo, a ressurreição de Cristo e a alegria dos novos baptizados. A veste branca usada pelos recém-baptizados nos primeiros tempos da Igreja, durante esta primeira semana, a semana «in albis», era bem o símbolo externo de uma outra veste interior que deviam conservar para sempre: «Vós que fostes baptizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo» (Gal 3, 26).

Além das missas estacionais, em Roma, desde o século VII, celebrava-se igualmente, em cada dia, uma estação vespertina ⁽⁸⁾. Os Padres da Igreja davam muita importância às perícopas evangélicas relativas à ressurreição, durante a oitava da Páscoa, comentando-as na pregação quotidiana, bem como à catequese mistagógica dos baptizados ⁽⁹⁾.

Não se deveriam esquecer estes aspectos da oitava. Seria oportuno, durante esta semana, reunir a paróquia e outras comunidades para cele-

brar com solenidade a Eucaristia e mesmo as Vésperas de modo a sublinhar o carácter festivo destes dias. Na cidade, pelo menos, poderia pensar-se até na celebração da missa diária, com homilia, presidida pelo bispo ou por um seu delegado numa das paróquias, possivelmente de forma rotativa.

A oitava termina com o II domingo da Páscoa ou domingo da Oitava. O relato evangélico da aparição do Senhor a Tomé recorda-nos que o mistério do dia oitavo vai ligado a este domingo: «oito dias depois». Toda a tipologia patrística do domingo como dia oitavo se torna incompreensível se não se celebra este domingo como o verdadeiro dia-oitavo da Páscoa. Por isso o domingo «na oitava da Páscoa» requiere uma catequese especial. Oferece o melhor ponto de partida para fazer compreender aos fiéis que o domingo é, semana a semana, o memorial da Páscoa.

○ Tempo Pascal e a Comunidade Cristã

É habitual os cristãos serem convidados a um esforço de Quaresma, mas não à celebração do Tempo pascal. É prática quase geral organizarem-se actos especiais durante a Quaresma, mas não durante a Páscoa. Sente-se um desejo de maior generosidade durante a Quaresma, mas a seguir ao dia de Páscoa os cristãos esquecem que a celebração dura cinquenta dias e que a festa é mais importante do que a sua preparação. As assembleias são atingidas, às vezes drasticamente, pelas deslocações e férias de Páscoa e também os párocos se sentem com direito a um merecido descanso. E assim, depois da missa de Páscoa, tudo decai rapidamente.

Por tudo isso e pela importância deste tempo litúrgico, é necessário insistir, uma vez mais, na urgência de colocar em primeiro plano o que para o cristão e para a Igreja ocupa o primeiro lugar: a Páscoa.

A celebração da Páscoa é muito mais que uma festa de aniversário ou uma festa anual. A Páscoa é a *festa*, não apenas a festa por excelência, a festa das festas, mas a única festa. É o sacramento da «passagem». Não é uma simples comemoração, pois comporta também uma presença: é a manifestação de Jesus como Senhor e a sua passagem deste mundo para o Pai (Jo 13, 1); é a nossa passagem com Ele da morte à vida (Jo 5, 24), pois Ele foi entregue por causa dos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação (Rom 4, 25). Celebrar a Páscoa é receber este dom invisível, este fruto espiritual.

Daqui decorrem algumas consequências pastorais que se devem ter em conta:

1. Nenhuma festa, nem do padroeiro nem de primeira comunhão, deve alcançar, mesmo nos detalhes, a solenidade da Vigília Pascal.
2. Todas as festas devem estar e aparecer em relação com a Páscoa. O que lhes dá importância é a intensidade da sua relação com o Mistério pascal que as há-de animar do interior.
3. Para a necessária revalorização cristã do Tempo pascal deverá

ainda fazer-se a redescoberta do seu carácter sacramental. E isto não só em teoria mas praticamente. Propomos a seguir alguns exemplos.

Tempo do Baptismo. O novo ritual aconselha os baptismos na Páscoa ou ao Domingo. Nos primeiros séculos, o dia tipicamente baptis-mal era a Vigília Pascal. E normalmente ainda hoje a iniciação cristã dos adultos é feita nesta Vigília. O baptismo é sacramento da Páscoa, sacramento da morte e ressurreição com Cristo que, pela remissão dos pecados, nos introduz numa vida nova.

Seria bom que os cristãos descobrissem o baptismo como a primeira e inicial participação na Páscoa de Cristo, orientando de modo especial para este tempo o baptismo dos seus filhos. O Tempo pascal é o tempo dos sacramentos e o tempo da mistagogia, último tempo da iniciação ao mistério pascal. É importante que a partir das leituras das missas dos domingos de Páscoa — missas dos neófitos — os adultos recém-baptizados e todos os fiéis aprofundem cada vez mais o sentido do mistério pascal e da sua participação na comunidade.

Tempo da Eucaristia. A celebração da Missa é o centro de toda a vida cristã. Na Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido para celebrar o memorial do Senhor. Nela se comemoram, ao longo do ano, os mistérios da Redenção que, por esta forma, em certo sentido se tornam presentes. E todas as demais acções sagradas e todas as obras da vida cristã com ela estão relacionadas, dela derivam e a ela se ordenam ⁽¹⁰⁾. Na Eucaristia torna-se presente a «alegre notícia» realizada em Cristo Jesus: a salvação pelo mistério da sua morte e ressurreição. A presença de Cristo aí é reconhecida não de um modo abstracto mas na comunhão dos crentes, na proclamação da Palavra e na mesa eucarística.

Vale a pena valorizar todos estes aspectos para conseguir celebrações verdadeiramente festivas da Eucaristia, de modo a serem para todos os cristãos sinal e alimento da sua fé pascal.

Tempo da primeira comunhão. Normalmente é no Tempo pascal que se situam as primeiras comunhões; mas nem sempre no contexto pascal. Celebrar a primeira comunhão das crianças no Tempo pascal não deve ser uma mera coincidência mas uma verdadeira convergência. É neste dia que as crianças participam pela primeira vez, de forma plena, na Eucaristia, chegando assim à consumação da sua iniciativa cristã, à plena participação no mistério pascal de Jesus Cristo.

A primeira comunhão não pode, por isso, entender-se como uma festa isolada. Trata-se de incorporar as crianças, de uma forma plena, na Eucaristia da comunidade cristã. Incorporação que é festa mas não exibição; acolhimento por parte da comunidade mas também compromisso pelo seu crescimento na fé.

O tempo da primeira comunhão poderá ser também tempo de nova comunhão para alguns pais que, por vários motivos, tenham abandonado a assembleia dominical. A primeira comunhão dos seus filhos poderá ser para eles ocasião de reflectirem, por coerência para consigo próprios,

na necessidade de os acompanharem na vivência e na celebração dominical da Páscoa, retomando assim o caminho interrompido.

Tempo de festa. O mais difícil será talvez despertar para o sentido da cinquentena como período de alegria e de festa ⁽¹⁾. É difícil entender uma festa sem o «feriado» e as manifestações festivas externas. Temos dificuldade em sentir a festa quando se faz o trabalho de todos os dias. Para os primeiros cristãos as duas coisas não andavam necessariamente ligadas, tanto para o domingo como para a cinquentena pascal. A redescoberta do Tempo pascal como uma única grande festa suporia que o conteúdo espiritual da festa causasse uma impressão muito mais forte no espírito dos cristãos. Mas vale a pena tentá-lo, já que se trata da própria expressão da existência cristã. Exteriormente estamos submetidos ao trabalho e ao sofrimento; interiormente, já vivemos com Cristo em Deus: «em nós, vai morrendo o homem exterior, enquanto o homem interior se vai renovando de dia para dia» (2 Cor 4, 16).

L. RIBEIRO

NOTAS

⁽¹⁾ Oração sobre as obláticas do II Domingo do Tempo Comum (Sacramentário Veronense 93).

⁽²⁾ A Vigília substituiu o Ofício da Leituna pelo que o Invitatório antecede necessariamente o Ofício de Laudes que, felizmente, voltou a ser, no domingo de Páscoa, o ofício da manhã. O «ordo de vigília pascali» de 1952 tinha instituído no final da Vigília um pequeno ofício «pro laudibus».

⁽³⁾ De facto «a Liturgia das Horas alarga aos diferentes momentos do dia o louvor e acção de graças, a memória dos mistérios da salvação, as súplicas, o antegoço da glória celeste, contidos no mistério eucarístico, centro e vértice de toda a vida da comunidade cristã» (IGLH 12).

⁽⁴⁾ Cf. P. JOUNEL, *Les Vêpres de Pâques*: LMD 41 (1957) 96-111; e *Tiempo pascual. La tradición de la Iglesia*, in: *El misterio pascual*, ed. Sigüeme 1967, 410-428.

⁽⁵⁾ Cf. G. COHEN, *Anthologie du Drame liturgique en France au moyen-âge*, Paris 1955, 25-69. No Apêndice IX ao *Ordo romanus* de M. ANDRIEU, encontra-se já o esboço de um drama litúrgico, antes das matinas de Páscoa.

⁽⁶⁾ Como a Sexta Feira Santa era dia afeitúrgico — sem celebração da Eucaristia — mas se comungava nesse dia, era necessário conservar o Sacramento da Quinta Feira para o dia seguinte. Pelo século XI a translação da Eucaristia para a sacristia era acompanhada com uma procissão com cânticos, luzes e incenso. E este rito começou a ser explicado simbolicamente como uma *sepultura do Senhor*, a que os cristãos velavam. Na reforma actual, a Igreja quer que seja afastada a ideia de «sepulcro» e que a adoração solene se faça só até à meia noite.

⁽⁷⁾ Cf. G. COELHO DIAS, *Compasso — Visita Pascal: Renovação na transformação*, em *Ora & Labora*, XVII (1971) 103-121. Ver ainda: A. COELHO, *A Visita Pascal*, em *Opus Dei*, I (1926-1927) 163-166; M. ALVES DE OLIVEIRA, *Visita Pascal*, em *Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 18, col. 1315.

⁽⁸⁾ *Sacramentário Gregoriano*, ed. de Lietzmann, nn. 89-95.

⁽⁹⁾ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Sermões para a Páscoa*, ed. Verbo, Lisboa — São Paulo, 1974; SÃO CRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses mistagógicas*, ed. Vozes, Petrópolis 1977; SANTO AMBRÓSIO, *Os sacramentos e os mistérios*, ed. Vozes, Petrópolis 1972; SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *Oito catequeses baptismais*, ed. Verbo, Lisboa — São Paulo, 1974.

⁽¹⁰⁾ Cf. IGM, nn. 1 e 7.

⁽¹¹⁾ Cf. J. GELINEAU, *Em vossas assembleias*, 1, ed. Paulinas 1973, p. 112.

EUCARISTIA HOJE

Passámos de uma celebração em que dominava o gesto a uma celebração em que domina a palavra

Está aí um grande enriquecimento, e é desnecessário acentuar os benefícios que nos trouxe a restauração da liturgia da palavra. É também uma grande responsabilidade que nos cabe, porque a palavra exige-nos mais preparação e, de certo modo, mais compromisso pessoal que o gesto. A exigência é maior porque passámos do latim ao francês e, por isso, a nossa subjectividade tem aí uma acção mais considerável. Está aí um apelo ao testemunho pessoal e à humildade: temos de nos apagar para que seja anunciada a palavra de Deus. Nós somos ministros, isto é, servidores, desta palavra de Deus e da Igreja. Portanto, devemos preparar muito cuidadosamente as nossas intervenções faladas. Talvez se imponha uma maior sobriedade. Certamente — e isso é-nos pedido com frequência — temos de proporcionar tempos de silêncio preparados por alguns apelos muito breves à oração pessoal.

Desejo também que nos esforcemos por restituir aos gestos — genuflexão, inclinação profunda, saudação, sinal da cruz, caminhar — todo o seu significado, fazendo-os ritualmente. Estamos no rito, não no mero funcional, e nós sabemos como o rito tem sido reabilitado, hoje em dia, pelas ciências humanas.

Quando um homem vai para o seu trabalho, corre para chegar a horas: o seu andar é funcional. Quando se manifesta com os outros na rua, organiza uma «procissão», caminha ritualmente. Devemos restituir o valor simbólico aos gestos que fazemos, para tentarmos fazer presenciar o mistério celebrado. Que os nossos gestos tenham mais densidade. E desejo que mantenhamos ritos, como a incensação, a aspersão... Que nos esforcemos por que os cânticos sejam belos. O belo canto não é necessariamente o canto difícil. Mas nunca ele é banal. A liturgia dirige-se a todos os nossos sentidos...

Da assistência à assembleia celebrante

A reforma quis uma participação «activa e consciente» na celebração. Sempre se compreendeu bem o que nos era pedido. Ser activo não é forçosamente fazer coisas. A actividade da assembleia está na escuta da palavra de Deus, no acolhimento do Senhor, no louvor comum. A participação exprime-se de muitos modos.

Mas continua a ser verdade que, se a celebração tem um presidente, o padre, deve ter outros ministérios: leitores, animadores. Estes ministérios não se improvisam, preparam-se. Penso, de modo particular, na proclamação da palavra de Deus. Nem toda a gente sabe falar espontaneamente em público; ora a palavra é proclamada para ser escutada. O importante não é que um leigo participe activamente fazendo uma leitura, mas que toda a assembleia participe activa e conscientemente no acto litúrgico que é a escuta da palavra de Deus.

Da ausência da comunhão à comunhão generalizada

Nas Missas solenes, antigamente, não se comungava. Agora, em todas as Missas, a assembleia comunga em peso. É uma vitória, já que a comunhão constitui a maior participação no mistério eucarístico. E, no entanto, nós não escapámos ao risco de banalização criado pela generalização desta prática. Parece ser preciso recordar a liberdade de cada um e as disposições necessárias para comungar. Isto impõe-se particularmente nas celebrações das pequenas assembleias em que a pressão do grupo corre o risco de ser forte. S. Paulo pede aos coríntios que se examinem a si mesmos antes de comungarem e de discernirem o corpo do Senhor, isto é: reconheçam a presença real do Senhor e, ao mesmo tempo, vivam as exigências da participação neste mistério. Daí tiro duas consequências:

- preparar bem as crianças para a primeira comunhão;
- valorizar a oração penitencial do princípio da Missa, recordando, por vezes, o seu nexó com o sacramento da penitência, que é preciso ter recebido quando se tem consciência de pecado grave, que é indispensável receber de vez em quando para viver a comunhão que exige a participação no mistério pascal de Cristo.

A grandes assembleias e os pequenos grupos

Não é preciso recordar todos os benefícios espirituais das celebrações em pequenos grupos: partilha da palavra, maior participação, inserção da Eucaristia na história de cada um, maior intimidade entre os participantes.

Peço entretanto que nas grandes festas, em particular, vos esforceis por acorrer às grandes assembleias. Estas são indispensáveis para manifestar a unidade que é dom de Deus e missão a realizar, para fortalecer a fé dos cristãos que só participam nas grandes assembleias.

Não é preciso dizer grandes assembleias ou pequenos grupos, mas grandes assembleias e pequenos grupos. Ambos são necessários.

O lugar da celebração

As nossas igrejas, no seu conjunto, foram restauradas. São ainda possíveis alguns arranjos aqui e além. Entretanto penso mais na beleza do que no funcional: os ornamentos, a decoração... A refeição eucarística não é uma refeição comum, o pão não é comum. É o Corpo de Cristo, a mesa não é banal... Como se poderá dizer o extraordinário que se realiza na celebração eucarística, senão transfigurando o ordinário de que nos servimos para celebrar o Senhor?

Se o sagrado não está nas coisas, é preciso um suporte para chegar ao sentido do sagrado. Aí também as ciências humanas nos ensinam muito sobre a necessidade de um espaço favorável a qualquer celebração. A beleza do lugar, que aliás se concilia muito bem com a simplicidade, harmonia, decoração, é um factor importante para criar um clima de silêncio, escuta, oração.

Celebração da presença real de Cristo e vida cristã

A celebração eucarística não é celebração da vida (para isso há as festas profanas); é celebração d'Aquele que é o fundamento da nossa vida, que lhe dá sentido e valor. Aqueles que vêm participar na Missa vivem os acontecimentos familiares, sociais, nacionais, internacionais que lhes dizem respeito. Não podem nem devem abstrair da história na qual estão inseridos. A celebração deve tê-los em conta, para que eles os vivam segundo o Evangelho.

Enquanto ministros da Eucaristia para um povo determinado, nós temos, neste domínio, um papel importante e delicado, particularmente no acolhimento, na homilia, na oração universal. Não é fácil encontrar a palavra, a oração que convida a assembleia a responder ao apelo de Deus. O nosso ministério exige uma grande preparação que lucra sempre, quando se torna possível, com ser feita em grupo.

Antes de ser, e para ser, celebração do Senhor que dá sentido e valor à nossa existência, a Eucaristia é celebração de Cristo Senhor, porque Ele é o Senhor. Na celebração há uma dimensão de gratuidade que é indispensável manter: é o louvor e a acção de graças. E a assembleia deve centrar-se constantemente no seu Senhor. Está aí o sentido da permanência da presença real: mesmo quando nós comungamos, o

Senhor permanece para além da nossa assimilação. Ele não Se identifica totalmente connosco nem com a Igreja, e nós devemos confessar, adorando-O no Santíssimo Sacramento, que Ele é o Senhor ao encontro do Qual nós não cessamos de ir.

A celebração da Eucaristia nas exéquias e nos casamentos

Acerca destes assuntos é-me impossível formular votos precisos, porque as circunstâncias são muito diversas. Sei contudo que nos podes muitas interrogações. Se cada caso tem o seu juízo pastoral, bom seria que estas questões fossem objecto de uma reflexão em grupo.

Enuncio dois princípios para orientar uma discussão:

1. Sendo o coração do mistério da nossa fé, a Eucaristia não pode ser celebrada senão para uma assembleia de crentes.
2. Nas celebrações dos casamentos e das exéquias, estão presentes indiferentes e descrentes: esta presença deve convidar-nos a fazer uma melhor preparação para que a celebração seja um testemunho da nossa fé.

Assembleias dominicais na ausência de Padres (A. D. A. P.)

A falta de padres obrigar-nos-á cada vez mais a encarar a realização de tais celebrações que já se fazem noutras dioceses. Recordo brevemente alguns pontos de referência:

1. Os cristãos têm o dever de se reunirem ao domingo, mesmo se não há padres para celebrar a Eucaristia.
2. A reunião dominical só encontra a sua total expressão na celebração da Eucaristia. Uma A.D.A.P. é, portanto, uma anomalia que se deve a circunstâncias particulares. Não pode ser o modelo a promover como ideal.
3. Todas as A.D.A.P. devem manifestar a sua ligação com o ministério sacerdotal (referência a um sacerdote responsável) e com a celebração da Missa (celebrada no domingo precedente, ou melhor, neste mesmo dia, mas num lugar donde se trazem as hóstias).
4. É necessário inserir a A.D.A.P. numa pastoral de conjunto e formar os respectivos animadores.
5. A necessidade que todo o cristão tem de participar na Missa dominical ou, ao menos, na A.D.A.P. nasce da obrigação que a Igreja sente de se reunir para celebrar o seu Senhor. Para um cristão é grave

privar os seus irmãos que se reúnem, da sua presença, da sua oração, do testemunho da sua fé.



Estas reflexões, um tanto longas, e que não devem colocar-se no mesmo plano, só visam um objectivo: ajudar-nos a fazer um exame em vista de uma melhor celebração da Eucaristia, particularmente na Missa dominical. A Eucaristia é a fonte e o vértice da vida cristã e apostólica.

ROBERTO COFFY, ARCEBISPO DE ALBI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITURGIA

Os símbolos da iniciação cristã

De 24 a 28 de Maio deste ano, efectuou-se em Roma, no Pontifício Instituto Litúrgico, um congresso internacional de Liturgia, que tinha por temática *Os Símbolos da Iniciação Cristã*.

Este congresso pretendeu comemorar dignamente o 21.º aniversário da fundação do Instituto Litúrgico de Santo Anselmo e a sua recente elevação a Instituto Pontifício (Agosto de 1981).

As sessões da manhã realizaram-se no Auditório João Paulo II da Pontifícia Universidade Urbaniana, de que, por sinal, é reitor presentemente o padre cordimariano português Dr. José Saraiva Martins, e as sessões da tarde no Instituto de Santo Anselmo, no Aventino.

O Auditório João Paulo II é um anfiteatro moderno bem concebido e dotado de aparelhagem sofisticada para a tradução simultânea de línguas. As línguas oficiais deste congresso foram as seguintes: francesa, inglesa, italiana e alemã.

As conferências foram proferidas no Auditório e as comunicações no Instituto de Santo Anselmo.

Deixou boa impressão a discreta mas distinta e eficiente moderação de Anscar Chupungco O.S.B., do Instituto de Santo Anselmo.



A exposição dos conferencistas centrou-se sobretudo no simbolismo da água, da unção e da imposição das mãos. Partindo da tradição iniciática do antigo povo de Israel e considerando depois o seu desenvolvimento na economia sacramental da Igreja, segundo a tradição das Igrejas orientais, da Igreja de Roma e das Igrejas da Reforma, chegou-se finalmente à consideração das implicações simbólicas da iniciação cristã a partir do Concílio Vaticano II.

Na impossibilidade material de apreciar, nesta breve crónica, congressistas.

Na tarde do dia 27, realizou-se uma excursão — que melhor se poderia apelar de peregrinação — ao Mosteiro de S. João em

todos os trabalhos de fundo, limitamo-nos a indicar os títulos das conferências e os nomes dos respectivos autores: *O simbolismo da iniciação: do Antigo ao Novo Testamento*, por Angelo Tosato, da Pontifícia Universidade Lateranense; *A interpretação patrística das três grandes perícopas baptismais da Quaresma*, por Balthasar Fischer, do Instituto Litúrgico alemão de Trier; *A água e a unção nas Igrejas Orientais*, por Emmanuel Lane O.S.B., de Chevotogne (Bélgica); *A tradição e a experiência das Igrejas da Reforma*, por Georg Kretschmar, da Universidade de Munique (Alemanha); *Os símbolos da iniciação cristã na tradição da Igreja Romana*, por Aime-Georges Martimort, da Faculdade de Teologia de Toulouse (França); *Implicações simbólicas da iniciação cristã no catolicismo romano desde o Concílio Vaticano II*, por Aidan Kavanagh O.S.B., da Yale University School of Divinity (U.S.A.); *Aspectos antropológicos dos símbolos na iniciação cristã*, por Crispino Valenziano, do Pontifício Instituto Litúrgico; *O simbolismo da iniciação cristã à luz da teologia litúrgica*, por Salvatores Marsili O.S.B., do Pontifício Instituto Litúrgico.

Se, deste conjunto de conferências, por vezes caracterizadas por certo tom escolástico, podemos destacar alguma que mais nos tenha impressionado, atrever-nos-íamos a referir a de Martimort, pela sua competência e vivacidade, e a de Kavanagh, pela sua frontalidade e pragmatismo, pois não deixou de criticar vigorosamente o duplo tratamento pastoral que permite às crianças o baptismo sem a mínima consciência e exige para a confirmação dos jovens e adultos uma preparação tão cuidada que mais parece uma *ordenação*, como se para ser leigo na Igreja fosse preciso ser ordenado e ficar a pertencer a uma classe elitista. Lamentou ainda a perda da *dimensão táctil*, já que os gestos tácteis falam por si mais que as palavras, e não resultam das palavras, antes são eles que as tornam necessárias.

Com duas conferências seguidas da parte da manhã e um breve intervalo de descanso, pouco tempo sobrou para os colóquios, que raras vezes dispuseram dos trinta minutos programados.



As sessões da tarde, no Instituto Litúrgico de Santo Anselmo, incluíam comunicações por grupos linguísticos sobre diversos aspectos da iniciação cristã e seus símbolos. Entre as várias comunicações da tarde, é de salientar a exposição sobre «Os baptistérios paleo-cristãos e o simbolismo da iniciação cristã» (com diapositivos).

Todos os dias à tarde houve um tempo de oração: Vésperas solemnes da festa de S. Beda, no dia 25; Sluto d'Ramsho (ofício vespertino) em siríaco e árabe, no dia 26; canto de algumas estrofes do hino «Akathistos», no dia 27; e Eucaristia concelebrada, no dia 28.

Em todos os congressos há sempre um número de carácter turístico, que proporciona uma convivência mais íntima e pessoal entre os Argentela, nos Montes Sabinos, cuja igreja românica remonta ao século XII. A visita foi guiada pela Madre Fausta Marchese O.S.B., que nos explicou competentemente a história e a arquitectura da igreja e do mos-

teiro, situados em plena montanha, numa zona silenciosa e abrigada, e dando para uma paisagem maravilhosa.

Após a visita, celebrou-se a oração da tarde em rito bizantino, sob a presidência do P. Daniel Gelsi O.S.B., que, por sorte, é de ascendência materna portuguesa e professor do Instituto Litúrgico, tendo colaborado nesta celebração o coro do Pontifício Colégio Russicum. Por razões circunstanciais, cantaram-se nesta oração algumas estrofes do célebre hino AKATHISTOS e usou-se profusamente o incenso, cujo perfume encheu a igreja e as salas anexas do mosteiro. Este hino seguiu-se à incensação do ícone de Nossa Senhora, é profundamente mariano e serve-se de um estilo que, por ser oriental, nos é bastante estranho. O seu lirismo é admirável.

A oração foi seguida de um lanche ao ar livre na cerca do mosteiro, tendo-nos sido servidas frutas e bebidas da terra, juntamente com bolos e doces caseiros, numa demonstração simples e convincente da hospitalidade cristã e oriental.



O congresso concluiu com uma Eucaristia celebrada na igreja abacial de Santo Anselmo, sob a presidência do P. Viktor Dammertz, Abade Primaz e Grande Chanceler do Instituto Litúrgico. Foi o canto gregoriano que de novo se fez ouvir nesta celebração e que era o mais apropriado para uma assembleia internacional como aquela.

No final da sessão matutina do dia 28 — a última do congresso — o moderador Anscar Chupungco disse que o congresso ofereceu uma base segura para um trabalho criativo de carácter local e que iria continuar numa reflexão pessoal e em grupo.

É de esperar que realizações deste tipo ponham à consciência da Igreja no nosso País o problema da urgência de preparar pessoas que venham a assumir o ensino e a pastoral da Liturgia na Universidade, nos Institutos, nos Seminários Maiores e nas dioceses — tais são as carências que se têm neste momento e que prometem continuar se não se tomarem medidas concretas em tempo oportuno.

A. RAMOS e L. RIBEIRO

Participaram neste Congresso cerca de 120 liturgistas dos mais diversos países do mundo. De Portugal estiveram presentes os padres:

Aníbal Ramos, de Aveiro; Agostinho Pedroso e Manuel José Amorim, do Porto; Alberto Teixeira Dias, Joaquim de Sousa Lopes e José Ferreira, de Lisboa; Alfredo Almeida Melo, de Viseu; Luís Ribeiro de Oliveira, de Coimbra.

Para possibilitar um conhecimento mais amplo e mais pormenorizado da temática desenvolvida, serão publicados os *Actos do Congresso* que podem ser pedidos a:

Pontifício Instituto Litúrgico
Piazza Cavalieri di Malta, 5
00153 — Roma — Itália

VI ENCONTRO EUROPEU DE SECRETÁRIOS NACIONAIS DE LITURGIA

Os Encontros europeus nasceram em boa hora e têm contribuído eficazmente para uma profícua troca de experiências no campo da pastoral litúrgica entre os serviços nacionais do velho Continente. Constituem uma iniciativa do P. Jacques Cellier, director do C.N.P.L. de Paris, e de Mons. Wagner, director do Centro de Trier, Alemanha.

O primeiro encontro realizou-se em Genebra, Suíça, no ano de 1973, tendo sido escolhido um país neutro para permitir a participação dos países da Europa Oriental. Os outros encontros efectuaram-se no Luxemburgo (1975), Innsbruck, Áustria (1976), Salzburgo, Áustria (1978), Siros, Grécia (1980). Portugal participou em todas estas reuniões e ultimamente fez parte do seu *bureau*, onde representou os países da Europa Meridional.

O encontro deste ano deveria ser em Dublin, Irlanda, mas a sua coincidência com o Congresso Internacional de Liturgia aconselhou a mudança para Roma, a fim de permitir a participação de todos neste Congresso, cujo interesse para os liturgistas se torna desnecessário encarecer.

Os participantes do encontro — um por cada nação — representavam quase todos os países da Europa Ocidental e ainda a República Democrática Alemã, a Polónia, a Hungria e a Jugoslávia (Croácia e Eslovénia), do Leste europeu. Compreensivelmente ausentes os representantes da Inglaterra e da Escócia por causa da preparação da visita pastoral do Papa João Paulo II ao Reino Unido.

Os trabalhos do encontro decorreram na casa de retiros dos Passionistas, na Praça dos Santos João e Paulo, junto da famosa basílica do mesmo nome, de 24 a 29 de Maio.

Como método de trabalho escolheu-se o seguinte: participação nas conferências do Congresso Internacional, trabalho de grupo, tempos de oração e de liturgia em comum.

Do Congresso não se fala aqui, pois lhe está destinado outro local deste número do Boletim.

Sobre a situação de cada país no que se refere ao baptismo (sob as três formas: baptismo das crianças, baptismo dos adultos e baptismo dos 9 aos 12 anos), à sua preparação (individual ou em grupo, só pelo padre ou por uma equipa, motivações de quem o pede), aos lugares da sua celebração (localização do baptistério), à existência de uma evolução do contexto social e eclesial do baptismo — além da exposição escrita entregue ao *bureau*, houve trabalhos de grupo e plenários do maior interesse.

Os documentos dificilmente têm a concretização e os pormenores significativos que só a descrição oral consegue dar. Por isso, os trabalhos de grupo, feitos por áreas linguísticas, permitiram um relato mais vivo da situação real de cada país no que concerne aos pontos agendados.

No grupo da Europa Meridional, por exemplo, depois de uma exposição circunstanciada detectaram-se dois problemas comuns, à excepção da Grécia: concentração de todos os ritos baptismais na mesma celebração integrada quase sempre na Missa, o que torna esta celebração demasiado longa; e o problema da dupla profissão de fé na Vigília Pascal quando se celebra simultaneamente um baptismo de crianças: a profissão de fé dos pais e padrinhos, primeiro, e a profissão de fé de toda a assembleia, a seguir.

Exceptuada mais uma vez a Grécia, onde há apenas 45 000 católicos concentrados na sua quase totalidade em Atenas, Tessalónica e no Arquipélago das Cíclades, e onde as crianças, tanto católicas como ortodoxas, são todas baptizadas pouco depois do seu nascimento, os outros países da Europa Meridional, incluindo as repúblicas populares da Croácia e da Eslovénia, apresentam várias características comuns: prática generalizada do baptismo das crianças, mas com o aparecimento crescente de crianças em idade escolar a pedir o baptismo; preparação dos pais em uma, duas ou mais reuniões, feitas ou só pelo pároco ou por um leigo ou por uma equipa; motivações pouco esclarecidas baseadas quase só nos valores tradicionais; dificuldades provenientes da emigração; aumento progressivo das celebrações comunitárias do baptismo; e certa evolução para uma celebração litúrgica mais bem preparada, vivida e comprometedora, a partir do Vaticano II.



O baptistério. Num dos serões, houve uma sessão de diapositivos sobre a celebração do baptismo, à qual se seguiu uma troca de experiências e de impressões muito útil e oportuna, centrada de modo particular na *localização do baptistério*.

Após a reforma conciliar, a preocupação legítima de celebrar comunitariamente o baptismo, de acordo com as novas directrizes, levou grande parte dos responsáveis das paróquias a deslocar a *pia baptismal* das pequenas salas ou capelas, situadas quase sempre debaixo das torres e certamente inadequadas a uma assembleia mais numerosa, para o presbitério, junto do altar-mor, ou para junto de um altar mais disponível, ou para um recanto qualquer da igreja. Esta nova localização,

desprovida, como regra, de enquadramento apropriado, está longe de resolver todos os problemas.

Noutros casos, a pia baptismal foi substituída por uma *bacia* mais ou menos digna e mais ou menos florida, para que a água seja vista por toda a assembleia. Funcionalmente, pode ser uma solução satisfatória. Mas onde fica na igreja, restaurada ou construída de raiz, o lugar da celebração e o objecto que, como a pia baptismal, seja *senal permanente* do novo nascimento para a vida divina e para a integração na Igreja? Problemas que se põem, se debatem e não encontraram ainda uma solução definitiva.



Depois de uma reflexão por grupos e em plenário, foram apontados os seguintes *quatro problemas maiores* sobre a pastoral litúrgica do baptismo:

1. O baptismo é integração na Igreja universal ou na comunidade local? É um assunto privado ou um compromisso com a Igreja local?
2. Que há a fazer quando os pais pedem o baptismo para os seus filhos e declaram que não têm fé? Recusar ou não?
3. Que motivações havemos de exigir dos pais em ordem ao baptismo de seus filhos? Uma atitude de quem descobre o sentido da fé ao pedirem o baptismo para os filhos?
4. Como respeitar os dois valores complementares que são a responsabilidade das pessoas e a gratuidade do dom de Deus?

Estes quatro problemas são de ordem pastoral mas levantam questões teológicas e eclesiológicas de indiscutível interesse e não podem ser resolvidos sem profunda reflexão.



O encontro europeu teve no último dia dois números de excepcional importância: a concelebração eucarística, sob a presidência de Mons. Noé, Secretário da Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino (Secção do Culto Divino), num altar junto do túmulo de S. Pedro, na cripta da basílica papal, e uma reunião na sede da referida Congregação.

Na concelebração, as partes cantáveis foram executadas em canto gregoriano, a oração eucarística em italiano e a oração dos fiéis nas cinco mais faladas línguas na Igreja, entre as quais a portuguesa. Mons. Noé fez a homilia comentando os textos litúrgicos e adaptando-os à assembleia celebrante.

Na sede da Congregação, sob a presidência de Mons. Giuseppe Casoria, Pro-Prefeito da Congregação, houve uma reunião de trabalho, que se não limitou a uma simples apresentação de cumprimentos.

Após a invocação do Espírito Santo, André Haquin, presidente

do *bureau* em exercício, saudou Mons. Casoria e apresentou os representantes de cada país, os relatores de cada grupo linguístico e os objectivos da nossa presença.

Os relatores, por seu turno, referiram os trabalhos, já concluídos ou em curso, de cada grupo e ainda alguns dos problemas que se põem aos responsáveis pela pastoral litúrgica na Europa.

Mons. Casoria, que seguiu com o maior interesse as exposições feitas, felicitou todos os presentes pelo trabalho realizado após o Concílio, disse da sua alegria e optimismo pelo desenvolvimento da renovação litúrgica, pôs em relevo a conveniência de directrizes concertadas para o mesmo país ou até, se possível, para países vizinhos, sob a orientação da hierarquia, e fez um apelo à unidade de normas e critérios.

Os Secretários da Congregação, tanto da Secção dos Sacramentos como da Secção do Culto Divino, também usaram da palavra para agradecerem a nossa saudação e darem os seus conselhos.

Mons. Noé apreciou com agrado os relatos feitos nesta reunião, ofereceu os préstimos da Secção do Culto Divino, que presentemente pode dar melhor colaboração, referiu os trabalhos em curso na Congregação (livro das bênçãos, cerimonial dos Bispos...) e terminou agradecendo a nossa presença e a nossa acção em favor da Liturgia.

AO SERVIÇO DO CULTO DIVINO

Mons. Virgílio Noé

No dia 6 de Março de 1982, Mons. Virgílio Noé, Secretário da Sagrada Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino (Secção do Culto Divino) recebeu a ordenação episcopal das mãos do Papa João Paulo II na Basílica Vaticana.

À homília, o Santo Padre comentou a perícopa evangélica: «Este é o meu Filho muito amado: escutai-O» (Mc 9,7) e, dentro do contexto daquela celebração, acrescentou:

«À ininterrupta cadeia de vozes que proclamam no tempo a salvação de Cristo, doravante será associado Mons. Virgílio Noé. Ele vai participar da própria unção de Cristo, Liturgo, Profeta e Rei. Entretanto, como todos os irmãos no episcopado, ele receberá o Evangelho para «pregar a palavra de Deus com toda a paciência e doutrina»; receberá o anel para «guardar a Igreja, esposa de Cristo, na santidade e fé intemerata»; receberá o báculo, «símbolo do ministério de pastor, para cuidar de todo o rebanho» (cf. Pontifical Romano).

Trémulo e comovido, confio-lhe estes símbolos da nova dignidade e poder, de que vai ser revestido na Igreja de Deus. E como não hei-de recordar, neste momento, que ele tem estado a meu lado no decurso de inúmeras celebrações litúrgicas, aqui em S. Pedro, em Roma e fora de Roma, como guarda fiel e atento dos ritos pontificais, desde o início do meu serviço à Igreja? Igualmente estive ao lado de Paulo VI, que o chamou, e do saudoso João Paulo I. E agora confio-lhe estes símbolos não só na persuasão de que ele traz dignamente a este acto a sua bem conhecida sensibilidade litúrgica, mas também porque ele deve prestar na Igreja um serviço muito particular pela dignidade, pelo cuidado, pela valorização contínua do Culto Divino, na Sagrada Congregação que tem como seu título de honra e seu mérito de trabalho «os Sacramentos e o Culto Divino».

É o próprio esplendor do culto devido ao único e eterno Sacerdote que ele deve promover e difundir: é a beleza da Esposa imaculada de Cristo que ele deve fazer brilhar, juntamente com o Dicastério em todos

os seus componentes e em todos os seus graus, ajudando-me assim naquilo que eu reputo com um dos trabalhos mais nobres e sagrados do meu ministério pontifical.

A direcção deste Boletim, a que de certo se associarão de bom grado os seus colaboradores e assinantes, aproveita esta oportunidade para felicitar respeitosamente Mons. Virgílio Noé e para lhe desejar um episcopado duradouro e fecundo ao serviço da Igreja e do Culto Divino.

ENCONTROS DIOCESANOS

Viana do Castelo

De 20 a 23 de Fevereiro, realizou-se o IV Encontro Diocesano de Pastoral Litúrgica. Decorreu no Centro Paulo VI, em Darque, e o número dos participantes, oriundos de oito ou dez arciprestados da diocese, ultrapassou as 300 pessoas. Tornou-se notória também a participação dos jovens.

Foi um trabalho muito denso, seguido com vivo interesse, centrado na vivência da oração litúrgica nas paróquias, nas pequenas comunidades ou mesmo individualmente, e no conhecimento da Palavra de Deus, exigência indispensável à renovação consciente das comunidades eclesiais.

Tem-se verificado que vários sacerdotes e leigos alteram os seus projectos pessoais ou paroquiais das férias do Carnaval para poderem participar nestes encontros.

O Senhor D. Júlio presidiu diariamente à celebração da Eucaristia, tendo afirmado na última homilia que «não se poderá fazer a história desta Diocese sem falar nestes encontros diocesanos de pastoral litúrgica, que tanto têm contribuído para a sua sensibilização, sentido de Igreja e formação pastoral».

Os temas do programa foram tratados pelos seguintes sacerdotes: Dr. Mário Pedroso, S.J. (Introdução à Oração); Dr. Geraldo Coelho Dias, O.S.B. (Sagrada Escritura); P. José da Costa Ferreira (Liturgia das Horas); P. Joaquim Vilar (Espaço Litúrgico). O Secretariado de Arte e Cultura, a que preside Mons. Côn. Carlos Martins Pinheiro, apresentou uma montagem de diapositivos sobre igrejas novas ou restauradas desta e outras dioceses, com a colaboração do P. Dr. Lourenço Fernandes Alves.

A parte musical do encontro foi orientada pelo P. José Maria Pereira do Vale e o trabalho do acolhimento esteve a cargo do P. Sebastião Pires Barbosa.

V Encontro Diocesano de Santarém

De 18 a 20 de Março, realizou-se em Santarém mais um encontro diocesano de Pastoral Litúrgica.

Participaram nos trabalhos cerca de 80 pessoas, entre padres, religiosas e leigos. A presença activa dos noviços combonianos constituiu de novo uma particularidade digna de registo.

As conferências foram orientadas pelos Vogais do SNL: Padres José da Costa Ferreira, José de Leão Cordeiro, Pedro Ferreira, O.C.D., António Ferreira dos Santos, e ainda pelo Padre Geraldo Coelho Dias, O.S.B.

Devido ao seu falecimento, o Padre Manuel Luis, que pela primeira vez não pôde participar neste encontro, foi evocado com saudade e gratidão.

4.ª Semana de Pastoral Litúrgica de Évora

Com um número de presenças efectivas a rondar as 100, realizou-se no Seminário de Évora, de 31 de Março a 2 de Abril, a IV Semana de Pastoral Litúrgica da Diocese de Évora.

Promoveu-a o Serviço Diocesano de Liturgia, que a preparou em colaboração com os outros departamentos da pastoral da diocese.

Foram três dias de convívio, de estudo e de oração. O tema abordado, *A Liturgia das Horas, oração da Igreja*, prestava-se a isso.

Para a exposição dos temas sobre o assunto escolhido este ano, vieram até nós os padres José Ferreira, Luís Ribeiro e Pedro Ferreira e deram a sua colaboração outros três de Évora: Manuel Madureira, Eduardo Pereira da Silva e José Cordeiro. Os pontos desenvolvidos deixam adivinhar a riqueza do que foi dito: *Introdução à oração, A oração através dos tempos, A oração da Igreja hoje, Estrutura e celebração da Liturgia das Horas, A espiritualidade do Ofício Divino, Os salmos, elemento central da Liturgia das Horas*.

Mas a Semana foi muito mais do que exposição doutrinal. Ela foi também ensaio de cânticos, participação diária em colóquios, preparação e celebração comunitária de acções litúrgicas. Estas foram sentidas por todos os participantes como os momentos altos do encontro. Por alguma razão se diz que a Liturgia só existe quando se realiza.

Para tornar a participação na Semana mais rica, foi preparado um Guião das celebrações com os textos e as músicas. Apesar de terem sido impressos mais de 100 exemplares, não foi possível satisfazer os pedidos suplementares que nos fizeram.

A opinião geral dos semanistas foi unânime quanto à oportunidade e utilidade prática do encontro, que permitiu aos que nele participaram apreciar melhor e sentir a riqueza ímpar da oração que a Igreja propõe a todos os fiéis, com o desejo de que eles a utilizem cada dia, na vida espiritual, segundo as suas necessidades e possibilidades.

PELO SECRETARIADO

— VIII ENCONTRO NACIONAL. A preparação do VIII Encontro Nacional está a ser feita com os cuidados habituais. Após a escolha da temática, a designação dos temas, a aceitação dos conferencistas, a divulgação do programa, a obtenção de instalações para as conferências, as refeições e a hospedagem dos participantes, procede-se presentemente à elaboração do guião das celebrações litúrgicas e à recolha das inscrições, que se vão fazendo diariamente na sede do Secretariado.

— MISSAL ROMANO. O trabalho da revisão final do Missal Romano, após a aprovação do texto do Ordinário da Missa pela Conferência Episcopal, teve uma ligeira interrupção devido às ocupações absorventes dos peritos, mas deverá recomeçar em breve.

— LITURGIA DAS HORAS (em 4 volumes). O Secretariado, por intermédio de alguns dos seus colaboradores, orienta a edição e revê as provas da Liturgia das Horas, que a Gráfica de Coimbra está a fazer em 4 volumes.

— ANTOLOGIA DE MÚSICAS LITÚRGICAS. O grupo ad hoc que se formou para este trabalho e que é constituído pelos Padres António Ferreira dos Santos, José Ferreira, Sebastião Faria e José de Leão Cordeiro, esteve reunido nos dias 2-5 de Fevereiro passado, no Santuário de Fátima, aproveitou parte da selecção de textos já feita pelos Padres Manuel Luis, que o Senhor tenha na sua glória, e José de Leão Cordeiro, e concluiu a escolha de textos musicados para o tempo do Advento e do Natal. Este material está a ser copiado à mão, por causa das notas musicais, para ser depois enviado à tipografia.

— CASSETES E GUIÃO DAS CELEBRAÇÕES DO VII ENCONTRO. A fim de corresponder ao interesse manifestado pelos participantes do VII Encontro, fez-se a gravação dos cânticos das celebra-

ções do Encontro em 2 cassetes e uma reedição do respectivo guião. Tanto o guião como as cassetes encontram-se à venda na sede do Secretariado.

— CASSETES COM HINOS PARA A LITURGIA DAS HORAS.

O Secretariado está a preparar a gravação de hinos já musicados para a celebração da Liturgia das Horas. Com efeito, nota-se a falta de gravações deste género; por isso, muitas comunidades e pequenos grupos vêem-se na contingência de recitar os hinos ou de os substituir por cânticos menos apropriados.

VIII ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITURGICA

O Mistério Pascal e a sua celebração

Ao propor a temática deste VIII Encontro Nacional — O MISTÉRIO PASCAL E A SUA CELEBRAÇÃO — o Secretariado Nacional de Liturgia procurou um assunto que fosse verdadeiramente fundamental e teve em conta a exortação conciliar a que se mantenha o carácter original do Ano Litúrgico para, com a celebração dos mistérios da redenção cristã, sobretudo do MISTÉRIO PASCAL, alimentar devidamente a piedade dos fiéis (SC 107). Aos aspectos bíblico, teológico, litúrgico e histórico, acrescenta-se, como é óbvio num trabalho deste género, o aspecto celebrativo.

Como tem acontecido das outras vezes, a participação neste Encontro nem é exclusiva dos participantes dos Encontros nacionais já efectuados, nem se torna menos útil para quem o vá frequentar pela primeira vez.

TEMÁTICA

A temática — O MISTÉRIO PASCAL E A SUA CELEBRAÇÃO — desenvolver-se-á nos seguintes temas:

O Mistério da Páscoa (Perspectiva bíblico-teológica) — pelo P. António Maria Bessa Taipa; *A Celebração do Mistério* (Perspectiva histórica) — pelo P. Luis Ribeiro de Oliveira; *A Vigília Pascal* — pelo P. José Ferreira; *Os Outros Dias Santos* — pelo P. José Leão Cordeiro; *A Liturgia das Horas no Tríduo Pascal* — pelo P. Pedro Ferreira, O.C.D.; *A Música Litúrgica nas Celebrações do Tríduo Pascal* — pelo P. António Ferreira dos Santos.

CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO

Data — De 14 (às 17 horas) a 18 de Setembro (ao meio-dia).

Local — Centro Pastoral de Paulo VI no Santuário de Fátima.

Inscrição — Cada participante inscrever-se-á com 500\$00 e, tratando-se de casal, será suficiente a mesma quantia de 500\$00.

Esta inscrição será feita no *Secretariado Nacional de Liturgia* (Seminário de Aveiro — 3800 AVEIRO — Tel. 22172) até ao dia 15 de Agosto, devendo ser acompanhada do respectivo pagamento.

Alojamento — Aos participantes que não puderem conseguir pessoalmente alojamento próprio e pretenderem que este fique a cargo do Secretariado, serão oferecidas as seguintes modalidades:

- | | | | |
|----|--|-----------|-----------|
| 1. | Hospedagem completa nos 4 dias com quarto individual | | 3 000\$00 |
| 2. | » » » » » » » de 2 camas | | 2 500\$00 |
| 3. | » » » » » » » mais de 3 camas | | 2 000\$00 |
| 4. | Só refeições | | 1 500\$00 |

NOTA — Aos participantes que pretenderem alojamento solicita-se que indiquem, com toda a clareza, a modalidade pretendida.

Pede-se ainda às pessoas inscritas que limitem as correspondência ao indispensável e aguardem serenamente as últimas informações que serão enviadas entre 30 de Agosto e 4 de Setembro.

JOÃO PAULO II EM VILA VIÇOSA

A celebração da Palavra

A recente visita do Papa João Paulo II a Portugal incluiu várias celebrações litúrgicas em Fátima, Lisboa, Braga e Vila Viçosa.

Sendo conhecida a liturgia de Fátima, que não foi alterada sob a presidência papal, e tendo-se celebrado a Eucaristia em Lisboa e Braga dentro das normas actualmente em vigor, apraz-nos pôr em relevo a celebração de Vila Viçosa, por ser diferente e pelas grandes possibilidades que celebrações deste tipo oferecem em circunstâncias concretas que impossibilitem ou desaconselhem a Eucaristia.

Na manhã do dia 14 de Maio, Vila Viçosa recebia festivamente o Papa João Paulo II. Eram quase nove horas quando o helicóptero pontifício poisava no Terreiro do Paço, fronteiro ao palácio ducal. Repicaram os sinos, agitou-se a multidão que aguardava o Santo Padre, cantou o coro à maneira de saudação «Ó Roma eterna».

O Papa entrou por momentos na igreja do Seminário onde se paramentou e iniciou-se logo a seguir o cortejo que o trouxe até mais perto de nós, que o aguardávamos emocionados. Como não sentir o coração em sobressalto ao receber o Pastor universal da Igreja, que vinha até nós como peregrino de Nossa Senhora e como mensageiro da dignidade humana e do trabalho rural!? Daí o entusiasmo de todos. Daí também a alegria que se estampava no rosto de João Paulo. Ele estava visivelmente feliz e os cristãos do Alentejo não o estavam menos.

Depois de passar pelo meio da multidão, subindo e descendo a Avenida, o Papa dirigiu-se para a tribuna onde ia presidir à celebração da Palavra. Coro e assembleia cantaram «A palavra de Deus esteja sempre nos teus lábios. Ela é a nossa alegria! Ela é a nossa salvação».

A preparação do texto da celebração esteve a cargo do Serviço Diocesano de Liturgia de Évora, que o fez imprimir a duas cores, em fascículo de 26 páginas, tendo na capa JOÃO PAULO II EM VILA VIÇOSA — 14.MAIO.1982 — A ESPERANÇA É POSSÍVEL — ACREDITAMOS NUM MUNDO NOVO. Dele se fez uma tiragem de 500 exemplares, em formato de 23x16 cm.

A parte central da celebração foi constituída pelas leituras do Profeta Amós e do Evangelho dos trabalhadores da vinha, cântico do salmo responsorial, homilia do Santo Padre e oração dos fiéis.

Participaram nela um diácono, que proclamou o Evangelho, outro diácono que enunciou a primeira intenção da oração dos fiéis, leigos e leigas, seminaristas e religiosas. As leituras foram sempre seguidas da respectiva aclamação cantada e o salmo responsorial foi entoado por uma solista e retomado pela assembleia e pelo coro. Cantada foi também a resposta às petições da oração dos fiéis, o Pai Nosso que a concluiu e a sua introdução em português.

Toda a celebração esteve bem, o mesmo não se podendo dizer da sonorização local, muito deficiente. Ficou-nos a sensação de que houve intenção propositada de a dificultar. Grande parte das pessoas não ouviu a homilia do Papa e o comentador litúrgico e o coro tiveram os seus microfones desligados a maior parte do tempo.

O coro era constituído por elementos de Évora e de Beja. Estavam previstos três cânticos a Nossa Senhora, de inspiração alentejana, que não chegaram a ser ouvidos pelas deficiências apontadas e pelo entusiasmo que se gerou à volta da pessoa do Santo Padre logo que ele começou a viagem de regresso ao local onde poisara o helicóptero.

O local da celebração estava decorado com gosto e simplicidade, sobressaindo o amarelo das giestas e o branco das flores que ornamentavam os degraus da tribuna, onde, em lugar de destaque, se via a imagem de Nossa Senhora da Conceição, como que a aguardar aquele que chegava ao seu santuário e cujo primeiro gesto foi ajoelhar diante dela e dirigir-lhe a sua prece de filho.

Também em Vila Viçosa o Papa foi, antes de mais, peregrino de Nossa Senhora.